

ZAVONI NTONDO

Fonologia e Morfologia do **oshikwanyama**

Prefácio de **Mbiavanga Fernando**



**Natureza e propriedades morfofonológicas
da língua oxikwanyama (kwanyama)**

Copyright © Zavoni Ntando/Mayamba Editora, 2015
Título: *Fonologia e Morfologia do Oshikwanyama* (R21)
Coleção: Educação — Linguística
Autor: Zavoni Ntando
Prefácio: Mbiavanga Fernando
Editor: Arlindo Isabel
Revisão: Maria Afonso
Paginação: Fernando Cerqueira
Capa: Carlos Roque
Impressão e acabamento: Cafiessa — Soluções Gráficas, Lda.
1.ª Edição: Luanda, Setembro de 2015
Tiragem: 1000 exemplares
ISBN: 978-989-761-012-7
Depósito legal n.º 6360/14



Condomínio Vila Rios, Rua Rio Cuango, n.º 16, Camana
Estrada Direita do Calemba 2
Cx. Postal 3462
Município de Belas — Luanda-Sul
Angola
E-mail: mayambaeditora@yahoo.com
Site: www.mayamba-editora.com/www.mayambaeditora.co.ao

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou por outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do editor, torna-se ilícita e passível de procedimento judicial.

Dedico esta obra, primeiro, à minha família
(a Mayasongwa Madalena, minha esposa
e aos nossos filhos);
à minha grande amiga Delfina Necongo;
à minha cara aluna Fernanda Estela Abraão;
por fim, a todos os meus estudantes de licenciatura
e mestrado, assim como a todos os linguístas
e amantes da linguística africana.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, pensamos no Cósmico, que é o doador desta vida terrestre que levamos e inspirador da iniciativa e da criatividade pelas quais conseguimos erguer esta modesta obra.

Dirigimos, também, os nossos agradecimentos aos colegas que nos encorajaram a levar a cabo este empreendimento tão nobre, também àqueles que consagraram o seu precioso tempo a ler este trabalho e a tornar-nos parte das suas úteis observações. Pensamos na professora Amélia Mingas, no professor Mbiavanga Fernando e no professor João Baptista Lukombo Nzatuzola.

Não podemos esquecer aqueles com quem passámos uma boa parte de tempo nas discussões científicas sobre a linguística africana e no fornecimento de material oportuno que enriqueceu a nossa obra.

A todos e a todas que, de uma maneira ou de outra, conseguiram encorajar-nos a prosseguir neste caminho científico para a nossa projecção científica.

Finalmente, à Dr.^a Irene Guerra Marquês, não só pela revisão linguística como também por algumas considerações achadas pertinentes.

Índice

Prefácio por MBIAVANGA FERNANDO	19
Introdução	25

PRIMEIRA PARTE

FONOLOGIA

CAPÍTULO I

FONOLOGIA SEGMENTAL

1.1 Plano paradigmático	31
1.1.1 Vogais	31
<i>a)</i> Fonética	31
<i>b)</i> Fonologia	32
<i>c)</i> Comentários	32
<i>d)</i> Realizações fonéticas	32
<i>e)</i> Identificação de fonemas vocálicos	34
<i>f)</i> Definição de fonemas vocálicos	36
<i>g)</i> Comprimento vocálico	37
1.1.2 Consoantes	38
<i>a)</i> Quadro fonético	38
<i>b)</i> Quadro fonológico	38
<i>c)</i> Comentários	39
<i>d)</i> Escolha de /v/	39
<i>e)</i> Distribuição complementar	39
1 Consoante fricativa bilabial surda [ɸ]	39
2 Consoante oclusiva ápico-alveolar aspirada[tʰ]	40

3	Consoante fricativa laringal oral [h]	41
4	Consoante oclusiva ápico-alveolar palatalizada [tʰ]	42
5	Consoante africada palatizada sonora [dʒ]	42
6	Consoante oclusiva labiovelar surda [kʷ]	43
7	Semivogal labiovelar nasalizada [w̃]	44
8	Consoante pré-nasalizada labiovelar [gʷ]	44
f)	Análise de sequências consonânticas NC	45
1	Caso de [mb]	46
2	Caso de [nd]	47
3	Caso de [ŋg]	47
4	Caso de [mh], [nh], [ŋh]	48
g)	Identificação de fonemas consonânticos	49
h)	Definição de fonemas consonânticos	56
1.2	Plano sintagmático	57
1.2.1	Sílaba	57
1.2.2	Restrições nas combinações e exemplos	58
a)	Vogais	58
b)	Consoante nasal	59
c)	Consoante + vogal	59
d)	Consoante + consoante + vogal	60
e)	Consoante nasal + consoante oral + /y/ ou /w/ + vogal	62

CAPÍTULO II

FONOLOGIA SUPRA-SEGMENTAL

2.1	Fonética	63
a)	Tons baixo e alto	63
b)	Tons ascendentes e descendentes	64
c)	Tom abaixado	65
d)	Tom sobreabaixado	65
2.2	Fonologia tonal	66
2.3	Realizações alofónicas de tonemas	66
2.4	Oposições fonológicas	67

CAPÍTULO III

MORFOFONOLOGIA

3.1	Generalidades	69
3.2	Regras morfofonológicas	70

ÍNDICE

CAPÍTULO IV ANÁLISE DIACRÓNICA

4.1 Aspectos sincrónicos do oshikwanyama	93
4.2 Aspectos diacrónicos do oshikwanyama	94
4.3 Reflexos das consoantes não nasais	95
4.3.1 Reflexos de *b	95
4.3.2 Reflexos de d	95
4.3.3 Reflexos de *g	96
4.3.4 Reflexos de *j	97
4.3.5 Reflexos de *p	97
4.3.6 Reflexos de *t	98
4.3.7 Reflexos de *k	98
4.3.8 Reflexos de *c	99
4.2 Reflexos das consoantes nasais e pré-nasalizadas	100
4.2.1 Reflexos das consoantes nasais	100
4.2.1.1 Reflexo de *m	100
4.2.1.2 Reflexo de *n	100
4.2.2 Reflexos das consoantes pré-nasalizadas	101
4.2.2.1 Reflexos de *mb	101
4.2.2.2 Reflexo de *ng	101
4.2.2.3 Reflexo de *nj	101
4.2.2.4 Reflexos de *nd	102
4.2.2.5 Reflexo de *mp	102
4.2.2.6 Reflexo de *nt	102
4.2.2.7 Reflexo de *ŋk	102

SEGUNDA PARTE MORFOLOGIA

CAPÍTULO I SUBSTANTIVOS

Generalidades	105
1.1 Classes substantivais	107
1.1.1 Aumento	108
1.1.2 As classes	109
1.1.3 Valores dos prefixos	116
a) Semântico	116
b) Numérico	117
1.1.4 Substantivos simples	118

1.1.4.1	Substantivos com um prefixo	118
1.1.4.2	Substantivos com dois prefixos	120
	<i>a)</i> Substituição	120
	<i>b)</i> Adição	121
1.1.4.3	Substantivos desclassificados	122
1.1.5	Substantivos complexos	122
1.1.5.1	Substantivos compostos	122
	<i>a)</i> Substantivo + substantivo	123
	<i>b)</i> Substantivo + tema adjectival	123
	<i>c)</i> Radical verbal -a + substantivo	124
	<i>d)</i> Radical verbal (-kálà) + verbo infinitivo	124
	<i>e)</i> kwá- e/ou -mwá	124
	1 Prefixo substantival + kwá + substantivo	125
	2 Radical verbal + nà + substantivo	125
	3 Prefixo substantival + kwá + nà + substantivo	126
	4 Prefixo substantival + nà + substantivo	126
	<i>f)</i> Substantivo possessivo	126
1.1.5.2	Substantivos derivados	127
	<i>a)</i> Derivação prefixal	127
	<i>b)</i> Derivação deverbativa	129

CAPÍTULO II

PREFIXOS DE CONCORDÂNCIA E OS ÍNDICES PRONOMINAIS

2.1	Prefixos de concordância	135
2.2	Índices pronominais	138

CAPÍTULO III

PRONOMES

3.1	Pronomes pessoais	141
	<i>a)</i> Participantes ou interlocutores	141
	<i>b)</i> Classes	142
3.2	Pronomes não pessoais	144

CAPÍTULO IV

ACOMPANHANTES DOS SUBSTANTIVOS

4.1	Conectivos	145
4.2	Os qualificativos	147
	4.2.1 Lexemas primários	147
	4.2.2 Lexemas secundários	150

4.3	Demonstrativos	151
4.3.1	Demonstrativos simples	151
4.3.1.1	Pré-inicial	151
4.3.1.2	Prefixo dependente	152
4.3.1.3	Estrutura do demonstrativo tipo I	152
4.3.1.4	Emprego	152
4.3.2	Demonstrativos complexos	155
4.3.2.1	Estrutura de demonstrativo complexo	155
4.4	Possessivos	156
4.4.1	Estrutura	156
4.4.2	Possessivos	157
4.5	Numerais	158
4.5.1	Numerais acordáveis	158
4.5.1.1	Estrutura	158
4.5.1.2	Variantes secundárias	159
4.5.2	Numerais não acordáveis	160
4.5.3	Substantivos numerais	161
4.5.4	Numeral ordinal	162
4.6	Interrogativos	162
4.6.1	Interrogativos acordáveis	163
4.6.2	Interrogativos não acordáveis	163
4.7	Quantificadores	164
4.7.1	Totalizador	164
4.7.2	Individualizador	165
4.7.3	Distributivo	165
4.7.4	Pluralizador	166
4.7.5	Partitivo indefinido	166
4.8	O lexema para «outro»	167

CAPÍTULO V

O VERBO

5.1	Morfemas verbais	170
5.1.1	Pré-iniciais afirmativas e negativas (Pia/Pin)	170
5.1.1.1	Variantes secundárias de i-	170
5.1.2	Pré-iniciais temporais	171
5.1.2.1	Variantes secundárias de *tá- e *ná-	172
5.1.3	Índice pronominal do sujeito	173
5.1.3.1	Variantes secundárias	173

5.1.4	Pós-inicial	177
5.1.5	Formativo	178
5.1.5.1	Formativo da conjugação afirmativa	178
5.1.5.2	Formativo da conjugação negativa	178
5.1.6	Limitador	179
5.1.7	Índice pronominal objecto/reflexo	179
5.1.3.1	Índice pronominal objecto	180
5.1.3.2	Índice pronominal reflexo	180
5.1.8	Base ou tema verbal	180
5.1.8.1	Radical verbal	181
5.1.9	Extensões	183
5.1.9.1	Sufixos derivativos	183
5.1.9.2	Alargamentos	190
5.1.10	Final verbal	191
5.1.10.1	Variantes	191
5.1.11	Pós-final	194
5.2	Conjugação	195
5.2.1	Conjugação Simples	195
5.2.1.1	Verbos regulares	195
A)	Modo indicativo	195
B)	Modo imperativo	201
C)	Modo conjuntivo	202
5.2.1.2	Verbos irregulares	203
5.2.1.3	Quadro da conjugação simples	205
5.2.2	Conjugação composta	207

CAPÍTULO VI

INVARIÁVEIS

6.1	Índice associativa na	209
6.2	Índice alternativo ilo	210
6.3	Advérbios	210
6.3.1	Lexemas primários	211
6.3.2	Lexemas secundários	211
6.3.2.1	Unidades derivadas de adjectivos	211
6.3.2.1	Unidades derivadas de numerais	212
6.4	Ideofones	212
6.4.1	Ideofones de sensação	213
6.4.2	Ideofones de acção	213
6.4.3	Ideofones de maneira	214

ÍNDICE

Conclusão geral	217
Bibliografia	219
Siglas, abreviaturas e convenções de apresentação	221
Anexo: Léxico Oshikwanyama-Português	222

Prefácio

Sob o título *Fonologia e Morfologia do Oshikwanyama*, Zavoni Ntondo apresenta ao público o seu segundo livro a título pessoal. O livro retrata, na essência, o perfil profissional e o engajamento do seu autor no estudo das ciências sociais e humanas, na intelectualização das línguas angolanas e, finalmente, na promoção da cultura nacional. A cultura é o conjunto de hábitos, regras, língua, religião e tradições de um povo. Um povo é diferente do outro porque tem uma cultura diferente. A língua sempre despertou interesse e debates entre as pessoas, relativamente ao uso e à forma como ela é utilizada por diferentes falantes, em diversos tempos e lugares. As pessoas, em geral, comentam e fazem observações sobre a maneira de falar, o sotaque e as palavras diferentes utilizadas por outras pessoas. Os falantes de uma língua são capazes de identificar, pela forma de falar de alguém, a região geográfica que representa; por esta razão, a língua é um património imaterial que está intimamente ligado ao nosso ser.

A presente obra reveste-se de uma importância inquestionável por duas razões: primeiro, porque numa altura em que o país clama pela necessidade de inserir, com maior urgência, as línguas nacionais no sistema de ensino, verifica-se pouca produção científica sobre as línguas nacionais; segundo, porque no âmbito da ciência da linguística, as informações sobre a natureza e as propriedades morfofonológicas da língua oshikwanyama e das línguas africanas de Angola,

no geral, são escassas. Assim sendo, as abordagens feitas, e que evidenciam grande vitalidade neste livro, mostram uma preocupação de interpretação linguística que contribuiu para o conhecimento tácito de aspectos morfofonológicos da língua em referência.

A fonologia trata dos elementos fónicos, tendo em conta o seu valor distintivo e funcional, ao estudar a maneira como se organizam dentro de uma língua e ao classificá-los em unidades capazes de distinguir significados chamados «fonemas». Os fonemas são as entidades capazes de estabelecer a distinção entre as palavras. Por isso, Troubetzkoy definia a fonologia como o estudo que «deve procurar que diferenças fónicas estão ligadas, na língua estudada, às diferenças de significação, como se comportam entre si os elementos de diferenciação (ou marcas) e segundo quais regras estes elementos podem combinar-se uns com os outros para formar palavras e frases.»

Por sua vez, a morfologia define-se, tradicionalmente, como a parte da gramática que estuda a palavra do ponto de vista da forma. Apesar de comuns, à linguagem técnica e quotidiana, nas diferentes visões do fenómeno linguístico, ambos os termos são indeterminados. Por exemplo, na gramática clássica, a morfologia concentra-se na flexão. O objecto de estudo é o paradigma ou o esquema de variações de forma da palavra na expressão de categorias gramaticais. Entretanto, a partir do século XIX, a palavra deixa de ser a unidade mínima de análise linguística; a comparação de elementos gramaticais, como base em hipóteses de relação genética entre línguas, favorece a adopção de um modelo de descrição que reconhece formativos como a raiz e a desinência. O estruturalismo herda esta situação de segmentação ou desmembramento da palavra, sendo, portanto, natural o estabelecimento do morfema como unidade básica da morfologia. Assim sendo, o objecto de estudo da morfologia no estruturalismo é o morfema e os seus padrões de combinação. Consequentemente, a palavra passa a ser menos relevante como unidade estrutural.

Esta obra inclui uma secção sobre a morfofonologia. Na teoria gerativa e no estabelecimento do modelo da fonologia gerativa

padrão, pelo modelo de Chomsky e Halle, conhecido como SPE (*The Sound Pattern of English*, 1968), a interacção entre a fonologia e a morfologia era tratada de forma minimizada, com maior destaque para as operações fonológicas propriamente ditas. Por se aplicar a segmentos já formados, entendia-se que todos os processos fonológicos deveriam aplicar-se a estruturas morfológicas estabelecidas e, dessa forma, assumia-se que as operações morfológicas se aplicavam previamente às fonológicas. A ordem dos morfemas, por sua vez, era dada pelas operações sintáticas. Somente nos casos de alomorfes mais radicais é que se recorria às regras de reajuste (Spencer, 1991). Por conseguinte, a descrição da interacção entre morfologia e fonologia era somente explicada na descrição de regras que se aplicavam à fronteira de morfemas e à fronteira de palavras por meio de símbolos limítrofes (+, # e ##).

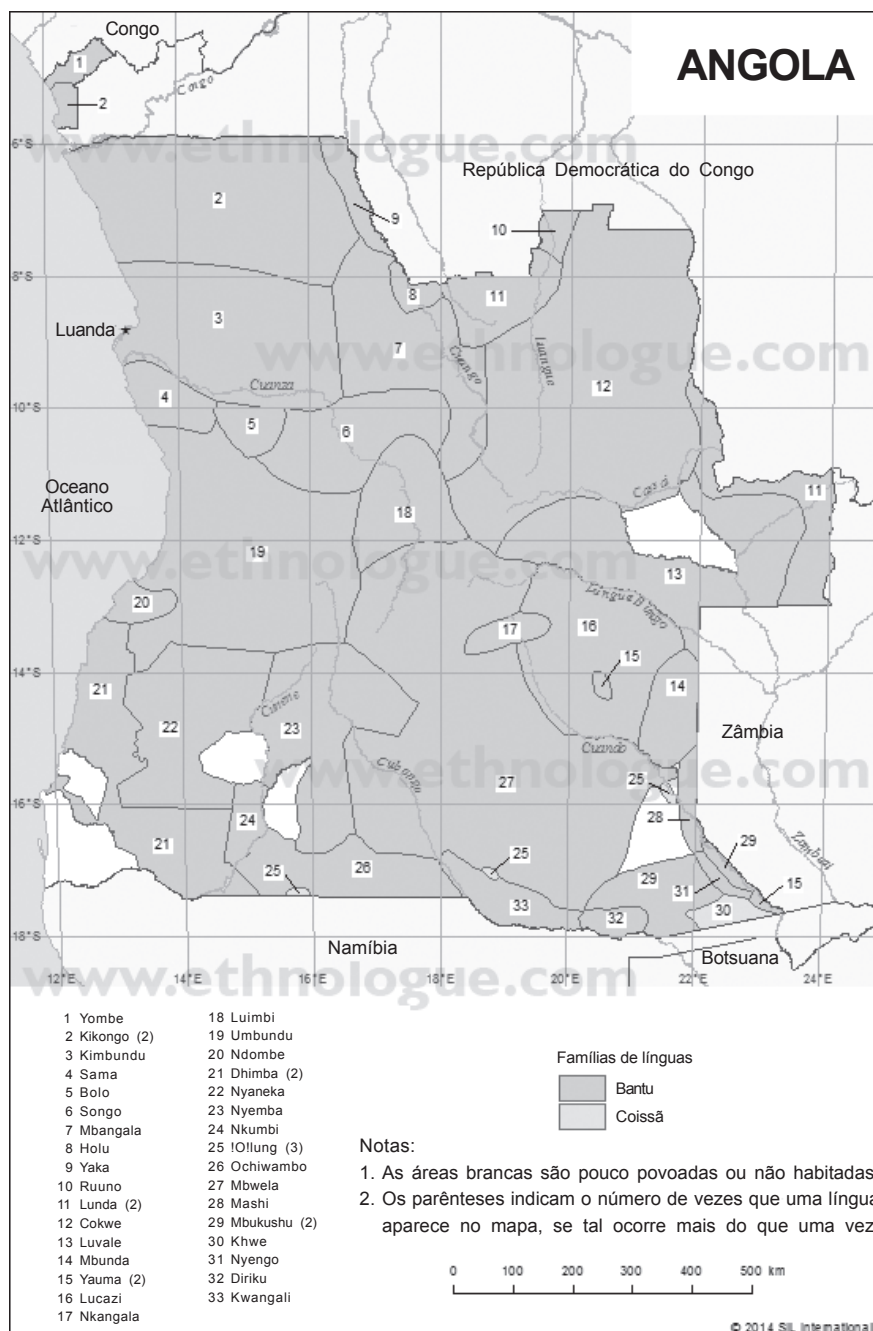
Na década de 1980 (Kyparsky, 1982, entre outros) surgiu, a formação lexical, uma teoria que tem como objecto de estudo a interacção entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam. Em linhas gerais, esse modelo acredita que o léxico de uma língua deve estar estruturado em estratos ou níveis que são domínios para as regras fonológicas e morfológicas que podem ocorrer e reocorrer simultaneamente num mesmo nível. A partir daí, é abandonada a ideia, segundo a qual, toda a morfologia precede a fonologia, como se fazia no SPE. Para além da interacção entre as operações morfológicas lexicais e as operações fonológicas, prova-se que estas últimas podem aplicar-se também às operações pós-lexicais, após a estrutura sintáctica de uma frase. Então, na década de 1990, abriu-se um debate sobre o papel da morfologia no modelo designado por «modelo em T» para a arquitectura da gramática. Até então, a morfologia era tida como extensão da fonologia lexical ou da sintaxe, no âmbito das teorias «Government and Binding» (GB), de Chomsky (1981), e do «Minimalist Program» (MP), também de Chomsky (1995), sem que a morfologia merecesse uma atenção exclusiva na arquitectura da gramática.

Estudos anteriores sobre as línguas africanas de Angola pouco aplicavam uma análise precisa e sistemática ao vocábulo mórfico e fonémico e à sua interacção, dificuldade essa que remonta à gramática greco-latina, de cuja técnica se nutriram muitos dos seus autores. Nesta obra, verifica-se uma conceituação dos elementos constitutivos do vocábulo, veiculada pelos princípios da linguística africana, examina-se e apresenta-se uma discussão da análise fonológica e morfológica da língua oshikwanyama e a interacção entre os dois componentes à luz da nomenclatura proposta pela linguística descritiva. É, certamente, um livro que veio colmatar a escassez de obras nesta área e de que a comunidade académica saberá tirar o devido proveito.

Luanda, 9 de Setembro de 2013

MBIAVANGA FERNANDO, Ph.D.

Instituto Superior de Ciências da Educação



Introdução

Após ter sofrido uma revisão a partir de observações feitas por pessoas habilitadas, decidimos publicar esta obra que, certamente, irá colmatar o vazio da investigação no domínio das ciências humanas e sociais, particularmente na linguística africana, que carece de obras descritivas.

Com efeito, a língua à qual nos propomos dar o nosso modesto contributo é falada no Sudoeste de Angola, localizada administrativamente na província de Kunene e no Norte da Namíbia. Na classificação referencial das línguas bantu proposta por Malcolm Guthrie (1971), o oshikwanyama é classificado na zona R, grupo 21.

O oshikwanyama, predominante na *Ovamboland*, Namíbia, já foi objecto de alguns estudos, levados a cabo sobretudo por missionários alemães e, recentemente, pelo NIED (Instituto Nacional para o Desenvolvimento Educacional da Namíbia) que produziu vários trabalhos sobre as línguas da região, apoiado na importante rede de publicação de manuais. Em Angola, o Instituto de Línguas Nacionais empreendeu estudos sobre seis línguas nacionais, entre as quais o oshikwanyama, o que permitiu dar a conhecer as estruturas funcionais destas línguas.

O maior problema que enfrentam as línguas nacionais consiste na difusão, divulgação, promoção e seu desenvolvimento. Todas essas línguas sofrem da concorrência da língua portuguesa, que, dada a sua posição de língua transétnica, sufoca as línguas nacionais, mesmo na

sua própria área de difusão, desenvolvendo o auto-ódio linguístico, obrigando ao seu abandono e ao seu desconhecimento, sobretudo pela juventude.

Pensamos que, sendo uma das línguas vivas e activas, pois os seus falantes assumem a sua utilização tanto na sua área de distribuição como fora dela, o oshikwanyama merece um tratamento adequado para a sua difusão, promoção e desenvolvimento, o que nos motivou, como amantes da cultura genuína e especialistas em linguística africana, a levar a cabo este estudo.

Este trabalho conheceu mudanças significativas na sua abordagem, e o seu conteúdo foi enriquecido e amadurecido em função das observações que nos foram feitas e da recolha e inserção de novos dados. Utilizámos o método descritivo herdado dos nossos mestres da secção de Linguística do Museu Real da África Central. Assim, no nosso trabalho, examinaremos três grandes áreas, a saber:

- Fonologia;
- morfofonologia;
- morfologia.

A fonologia permitiu estabelecer o sistema fonológico da língua. Introduzimos o capítulo sobre a análise diacrónica, de onde exumámos os reflexos consonânticos do oshikwanyama. Da morfofonologia, extraímos regras fonológicas dos morfofonemas; a morfologia ofereceu-nos a oportunidade de estudar os morfemas que entram na construção das diferentes categorias gramaticais assim como das unidades que as compõem.

O oshikwanyama é uma língua tonal, todavia, não aprofundámos este aspecto por nos aparecer muito complexo. Por outro lado, convém lembrar o nome da linguista Riikka Halme cujo trabalho de doutoramento assentou neste aspecto tonal.

Em suma, o nosso trabalho apresentar-se-á como um apoio metodológico que visa ajudar estudantes e estudiosos desejosos de levar a cabo o estudo das estruturas funcionais das línguas bantu em geral

e bantu angolanas, em particular, visando o seu desenvolvimento e promoção. Com este esforço, o nosso objectivo principal consiste em tirar as nossas línguas do bloco da tradição oral, colocando-as no das línguas de tradição escrita, tendo como grande beneficiário o Ministério da Educação.

PRIMEIRA PARTE
FONOLOGIA

CAPÍTULO I

Fonologia segmental

Na língua oshikwanyama identificamos vinte e três unidades reunidas em dois quadros fonológicos, a saber: o quadro das vogais que conta com cinco vogais fonológicas e o quadro das consoantes que apresenta dezoito unidades fonológicas. Assim, essas unidades serão examinadas em dois planos, a saber: paradigmático sintagmático.

1.1 Plano paradigmático

1.1.1 Vogais

a) *Fonética*

Quadro 1: Fonética

GRAU DE ABERTURA	PONTO DE ARTICULAÇÃO					
	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
Fechado	[i]	[i:]			[u]	[u:]
Semi-fechado	[e]	[e]			[o]	[o:]
Semi-aberto	[ɛ]	[ɛ:]			[ɔ]	[ɔ:]
Aberto			[a]	[a:]		

b) *Fonologia*

Quadro 2: Fonológico

GRAU DE ABERTURA	PONTO DE ARTICULAÇÃO	
	ANTERIOR	POSTERIOR
Primeiro grau	[i]	[u]
Segundo grau	[e]	[o]
Terceiro grau	[a]	

c) *Comentários*

Este quadro foi modificado em relação ao quadro fonético. Em relação ao grau de abertura, reduzimos os graus fonéticos de quatro para três graus fonológicos na base de complementaridades que serão descritas em seguida.

Embora a vogal /a/ exerça uma influência a nível morfológico (cf. regras n.º 11-14 pp. 77-78) sobre as vogais do primeiro grau anterior /i/ e posterior /u/, escolhemos descrever /a/ como uma vogal do terceiro grau. Esta escolha foi efectuada por motivos de economia, pois permite eliminar o traço central do sistema fonológico.

d) *Realizações fonéticas*

1. O fonema /e/

O fonema vocálico anterior do segundo grau /e/ apresenta uma realização fonética semiaberta: [e] aparece quando é imediatamente antecedido no interior da palavra por uma vogal anterior do primeiro grau [i], ao passo que temos [ɛ] noutros contextos.

$$\text{Seja: } /e/ \begin{cases} [e]/\text{vogal anterior de primeiro grau } /i/ \\ [ɛ]/\text{noutros contextos} \end{cases}$$